



O COMBATE da Venda Grande. O Estado de São Paulo, São Paulo, 09 set. 1956.

CAMPINAS, em 1842, foi teatro de acontecimentos de importância no cenário político brasileiro. Havia pouco, que D. Pedro proclamara a Independência, após um período de luta e agitações. O País enveredava-se para novos rumos, procurando abrir caminho à sua completa emancipação. Mas, 20 anos após, não se encontrara ainda a almejada pacificação dos espíritos. Fervilhava a intriga e surgiam os patriotas, dispostos a defender intransigentemente os seus pontos de vista. Campinas, que sempre havia tido participação saliente em todas as manifestações políticas, não ficou alheia mais essa vez.

A antiga Vila de São Carlos encontrava-se na fase quase embrionária, com apenas 12.000 almas. Seu aspecto era idêntico ao de muitos outros núcleos, com a parte urbana bem reduzida e tendo ao redor as fazendas e engenhos típicos. Havia os escravos e os "homens bons". As comunicações eram difíceis. Já imperava, naquela época, o acentuado espírito religioso do povo, que se manifestava através de suas irmandades e das capelas entregues ao culto público. Aqueles que residiam no pacato lugarejo tinham os seus ideais e sabiam morrer por eles. E foi com esse espírito de arrojo, que se escreveu, em 1842, nas terras de Campinas, uma das mais notáveis páginas de que se tem conhecimento: o combate da Venda Grande.

Irrompera a revolução na Província de S. Paulo e Campinas ficou fiel, em grande parte, aos liberais, convertendo-se em autêntica praça de guerra. A pacatez da povoação de subito se transformou. Pelas ruas sinuosas e estreitas, começou a passar o material de campanha. Era a cavalaria. Eram as baionetas. Eram os canhões. Eram os soldados, os sargentos e os capitães. Tudo reunido para rechaçar os contrários, que se aproximavam... O choque, finalmente ocorreu, no Sítio da Lagoa, denominado Venda Grande, onde os campineiros resistiram sob o comando de Antonio Manoel Teixeira. As balas zuniam, cortando os ares. Touve resistências desesperadas. O heroísmo ficava patente, porém, a cada minuto, pois os campineiros sabiam ser dignos de suas responsabilidades.

POR QUE se denominava o local de "Venda Grande"? Celso Maria de Melo Pupo, pesquisador incansável do passado de Campinas, assim se manifesta: "Pelos pri-



A placa comemorativa existente no local

meiros lustros do século passado, aqui existia o engenho da Lagoa, florescente indústria açucareira. Grande sobradão era a sua sede com a fábrica de açúcar no andar térreo. Além, a casa de purgar, onde se clarificava o produto a ser exportado para Santos; alambiques, caldeiras de cobre, taxos e escumadeiras, depois o moinho e demais montagens, compunham o rico senhorio, com as pastarias, muito gado e os quarteis de cana, tudo servido por uma quase centena de escravos, com os animais de sela ajazados de prata e as bestas arreadas para transporte das cargas e da elegante e encortinada liteira. Mas lá, o alto do sobrado é que abrigava o lar senhorial de um casal feliz." Mais adiante, escreve Celso Maria de Melo Pupo: "O senhor do engenho, sargento-mór de milícia, era de apuramento de hábitos, trajando sua casaca e calções de seda, mantéu de renda, espada e faixa militar. No seu solar nasceram-lhe os filhos, aumentou grandemente a sua fortuna, mas viu também o triste dia em que sua bela esposa, ao nascer o decimosegundo rebento, morria mártir da maternidade. Foi ainda aí que se casaram as filhas do ativo senhor. A menor delas, menina-moça no florescer dos seus quatorze anos, casou-se em meio de festas e esplendores, vestida nas suas rendas de imaculado alvor e bordadas a fio de ouro, com um jovem bacharel

das Arcadas, futuro juiz e cavaleiro da Ordem de Cristo. Foi a última festa do grande sobrado. Depois, os filhos se foram a seus novos lares e o senhor envelhecido abeirou-se do tumulo: morria em 1837, deixando ermo o engenho de passado glorioso. Desabitado, ninguém lembrou-se de nele montar um pequeno negócio, uma simples venda de beira de estrada e, para isso, utilizou-se de um dos seus antigos e vastos salões de trabalho. Embora pequena, mas pela largueza do comodo em que se instalara, não tardou em ser chamada a "Venda Grande".

Já se afirmou que a História do Brasil não estaria completa, enquanto não se escrevesse o que foi o combate da Venda Grande. Mas essa obra foi realizada, ou melhor, concluída, pouco depois, pelo historiador João Batista de Sá (Joluná Britto), que devotou ao assunto bons anos de sua vida, gastos em pesquisas esparsas. "O Combate da Venda Grande", por ele escrito, foi publicado em 1950, numa separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Completou-se, assim, a História do Brasil. Prefaciando seu proprio trabalho, acentuou João Batista de Sá que "Campinas pôde escrever com o sangue de seus filhos, um dos episodios característicos da coragem indomita de seus primeiros povoadores".

NA CAMARA de Campinas o vereador Edmo Goulart, procurando prestar homenagem à memória de um dos chefes do movimento, que foi Antonio Joaquim Viana, propôs que se lhe desse o nome a uma das ruas da cidade. Alguma coisa, porém, estava faltando. Era um marco, que perpetuasse, na propria Venda Grande, o que foi a participação dos homens de Campinas no movimento revolucionario de 1842. Há alguns anos ali foi colocada uma estaca de madeira, que relembra o encontro militar. Ela, porém, não resistiu ao tempo. E agora, o Centro de Ciências, Letras e Artes, pelo seu Departamento de História, de que é presidente o tenente-coronel Luis Felipe Silva Wiedemann, com o apoio das autoridades militares de Campinas providenciou a inauguração, no sítio da Lagoa, de um monumento comemorativo. Cristalizou-se na pedra, para todo o sempre, o heroísmo de nossos antepassados, que foram fiéis às boas causas e ao seu espírito de luta.